

SESSÕES DO PLENÁRIO

24ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 24 de maio de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADO ANGELO CORONEL

O Sr. Mestre de Cerimônias (Dody Só):- Boa noite. Afinal de contas, estamos comemorando 50 anos do TCA. Eu peço uma salva de palmas para este ambiente maravilhoso. (Palmas) Sou Dody Só. Muito obrigado.

Neste momento, damos início à solenidade em homenagem aos 50 anos do Teatro Castro Alves (TCA), proposta pela deputada Fabíola Mansur, presidente da Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Serviço Público.

Agora vamos assistir ao vídeo “Nossa cultura TCA - 50 anos.” (Palmas)
(Apresentação do vídeo.)

O Sr. Mestre de Cerimônias (Dody Só):- Dando continuidade ao nosso evento, convido para participar deste ato solene o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Angelo Coronel; convido a proponente da sessão, deputada Fabíola Mansur; convido o secretário de cultura do Estado da Bahia, Jorge Portugal, neste ato representando o Exmº Governador do Estado da Bahia, Rui Costa; convido a diretora da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Fernanda Tourinho; convido o diretor do Teatro Castro Alves, Moacyr Gramacho; convido o deputado estadual Zé Neto, Líder da Maioria.

Neste momento, ouviremos, em sinal de respeito, o Hino Nacional brasileiro, que será executado pela Osba (Orquestra Sinfônica do Estado da Bahia), corpo estável do TCA há 35 anos, atualmente com gestão publicizada pela organização social Amigos do TCA. A Osba executará o Hino Nacional em conjunto com o NEOJIBA (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia), corpo residente do TCA desde 2007. Osba e NEOJIBA serão regidas pelo maestro Eduardo Torres, pianista e maestro formado pela Escola de Música da Bahia, atualmente membro da Escola da Orquestra Sinfônica da Bahia e diretor musical do NEOJIBA-Escola de Música da UFBA. (Palmas)

(Execução do Hino Nacional.)

(Palmas)

(A plateia se manifesta: “Fora, Temer! Fora, Temer!”)

O Sr. Mestre de Cerimônias (Dody Só):- Podemos dar continuidade? Neste momento, ouviremos a proponente da sessão, a deputada Fabíola Mansur, presidente da Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Serviço Público. (Palmas)

A Dra. FABÍOLA MANSUR:- Boa noite, amigos e amigas. Sejam bem-vindos a esta sessão especial em comemoração aos 50 anos do Teatro Castro Alves. Eu queria começar saudando o Exmº Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, que autorizou – com o Líder da Maioria, deputado Zé Neto, e o Líder da Minoria, deputado Leur Lomanto – que a Assembleia viesse ao teatro para celebrar, aqui, no solo sagrado, seus 50 anos. Ele que tem novas atitudes, nestes novos tempos, esta é uma nova atitude, aceitar que a gente pudesse, de forma extraordinariamente inusitada, estar aqui agora.

É uma noite, também, difícil, momento de reflexão, a gente estar neste solo sagrado, para quem não tem talento artístico algum, e que muitas vezes nestes 50 anos, na grande maioria, esteve aí, sentado na plateia, e ver a situação em que o nosso País se encontra. De forma que estar aqui é um misto de alegria e também de muita preocupação quando vemos nosso País numa profunda crise e numa grave ameaça de cerceamento de liberdades democráticas, de reformas restritivas, fazendo-nos ver que a única saída, e a mais democrática, é o apoio a uma PEC que instaure eleições diretas já, (palmas) inclusive eleições gerais, envolvendo a todos nós. Acho que dar ao povo o direito de decidir é celebrar o povo, celebrar a democracia.

Eu queria saudar também meu querido secretário Jorge Portugal, ele que é uma entidade cultural – neste ato representa Rui Costa –, tenho profundo respeito pelo seu trabalho, temos estado aliados em várias lutas em defesa da cultura no nosso Estado. Parabéns pelo seu trabalho, Jorge. (Palmas) Queria saudar a minha querida amiga de longa data, Fernanda Tourinho, diretora-geral da Fundação Cultural do Estado da Bahia, que, em tese, administra o TCA, ligado administrativamente à Funceb, e que também vem tocando as políticas públicas culturais, parabéns pelo seu trabalho. Finalmente, nosso Moacyr Gramacho, diretor deste solo sagrado, deste TCA que, como vocês viram, hoje está ainda mais pujante com tantas coisas que estão sendo feitas.

É um momento em que vocês se perguntam: “Mas por que mesmo a Assembleia Legislativa veio aqui ao Teatro Castro Alves?” Então, vou contar uma história. O teatro, este palco pujante, este grande complexo cultural do Norte/Nordeste, por onde passaram inúmeros artistas, músicos, cantores, atores, atrizes, dançarinos, bailarinos do cenário baiano, brasileiro e internacional, este palco que possibilitou acesso do grande público, que somos nós, à arte e aos artistas, começou de uma ideia de um deputado estadual, na época era deputado, Antônio Balbino, em 1948. Ele propôs um crédito de 2 milhões de cruzeiros para a construção de um espaço que se chamou Teatro Castro Alves. Dez anos depois, ele viria a ser o governador do Estado da Bahia, governador Antônio Balbino. Ele teria inaugurado esse teatro não fosse o pesadelo de um incêndio a poucos dias de sua inauguração. E, de fato, o teatro só veio a ser inaugurado em 4 de março de 1967, pelo governador Antônio Lomanto Júnior, avô, inclusive, do deputado estadual Leur Lomanto Júnior.

Então a ALBA, nos seus novos tempos, celebra o casamento entre a política e a arte. Apesar de negarmos a política como forma transformadora, este espaço foi da iniciativa política, e é isso também que celebramos nesses novos tempos, deputado presidente Angelo Coronel. Vir até aqui é dizer que, se o artista está onde o povo está, a ALBA também tem de estar onde o povo está. Nós temos de estar irmanados. (Palmas)

Conversava com meu querido secretário Jorge Portugal, há pouco, sobre o momento, e ‘ele lembrou Chico Buarque, que, neste mesmo teatro, em 1972, parou o show e disse: “O Teatro Castro Alves é do povo, e todas as pessoas aqui vieram”. Então esse é um solo sagrado pelo qual passaram momentos inusitados da cultura, da política baiana, inclusive vivenciou até o próprio show de despedida de Caetano e Gil, quando foram para o exílio, em 1969. São coisas que a gente tem que lembrar.

Nos 10 anos em que o teatro ficou fechado, os artistas também resistiram. Martim Gonçalves encenou a Ópera dos Três Tostões nos escombros do teatro. No foyer do teatro, Lina Bo Bardi lançou o Museu de Arte da Bahia, durante os 10 anos em que o teatro não havia sido reinaugurado. E a gente celebra essa resistência da classe artística, que existe até hoje.

Mas estamos aqui para lembrar que o teatro é muito mais do que foi mostrado no vídeo, do que essa sala principal de mais de 1.500 lugares, do que a Sala do Coro – que vai ser reformada no recente edital que nosso diretor Moacyr Gramacho mencionou –, do que o foyer, do que o jardim suspenso, do que a Concha Acústica, que foi requalificada e hoje já bateu recorde, como Moacyr me dizia, de 240 mil pessoas – o qual extrapola em 100 mil pessoas os recordes dos últimos anos. E a gente deve realmente ao governador Rui Costa, que investiu R\$ 80 milhões nesse projeto e também escreve, como os outros governadores – a exemplo de Antônio Balbino e Antônio Lomanto Júnior –, o seu nome, na medida em que investiu na recuperação da Concha e também, mais recentemente, na Sala do Coro.

A ALBA veio para celebrar gente, o teatro orgânico, o teatro de carne e osso, o teatro suor, lágrimas, risos, o teatro que faz a gente vibrar, o teatro em que tem gente na frente das cortinas e atrás das cortinas. Vamos celebrar começando pelo primeiro fundado, que foi o Balé do Tetro Castro Alves. E quero celebrar também nosso diretor artístico, Antrifo Sanches, que está ali sentado, e todos os bailarinos que compõem o Balé (Palmas) e que sucederam e sucedem tão bem grandes coreógrafos baianos, como Vítor Navarro, Rodovalho e Lia Robatto. E é importante dizer que a dança tem uma relação muito forte com a Bahia e precisa ser estimulada e fortalecida. E essa é mais uma luta que esta deputada e esses deputados que estão aqui, que a Casa do povo – a ALBA – vai encampar.

Estamos aqui também para celebrar um outro corpo estável, a Orquestra Sinfônica da Bahia, a Osba. (Palmas) Quero saudá-los, eles que nesta noite estão regidos pelo maestro Eduardo Torres – parabéns, maestro –, mas que tem seu curador artístico, o maestro Carlos Prazeres, e são uma referência. Recentemente o secretário Jorge, acho que toda a classe artística e todo o governo defenderam a publicização da Orquestra Sinfônica como forma de dar autonomia, de dar celeridade, de dar sustentabilidade também à sua gestão. E ela foi publicizada, o que é muito

importante. Tenho certeza de que a captação de recursos será muito mais veloz, e o investimento nos projetos da Osba hoje, que é uma orquestra de excelência musical, será muito mais fácil. A gente parabeniza por esse lançamento de edital, que foi vencido pelos amigos do TCA, e parabenizo o governo Rui Costa por ter tido essa sensibilidade.

Quero também falar não só dos corpos estáveis, mas também dos inúmeros projetos que o TCA tem, começando pelo NEOJIBA, cujos músicos saúdo neste momento, regidos pelo maestro Ricardo Castro. Além de excelência musical e artística, é um dos maiores projetos de arte educação que nós temos no governo do Estado, é o xodó de todos nós do governo, é o xodó da Bahia. E não só é um projeto de inclusão, como também os seus monitores agora estão indo para o interior formar novos núcleos de música. Isso é muito importante para a cultura, que está sendo territorializada, incluindo a juventude. Saudamos os Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia – NEOJIBA –, saudamos todos os jovens, estamos vendo jovens na plateia.

Aqui já vimos que, do núcleo de teatro do TCA, vieram grandes artistas, grandes atores e atrizes. Acho que foi palco para lançar e revelar grandes talentos. E tem agora a possibilidade até de que grupos do interior vençam os seus editais, a exemplo da peça Exu, que venceu, há 2 anos, e veio de Alagoinhas. Acho extremamente importante que tenhamos um solo sagrado para a nossa classe artística se manifestar.

Aí veio a Série TCA, desde 1995, que incluiu Salvador no roteiro dos grandes espetáculos baianos, nacionais e internacionais. Aqui já passaram Montserrat Caballe, Momix, Buena Vista Social Club e tantos outros, para não dizer os grandes espetáculos de artistas nacionais, de atores como Paulo Autran, Fernanda Montenegro... De forma que este é um solo, sim, sagrado e é motivo para festejarmos o TCA e os seus 50 anos.

Um dos projetos que eu mais gosto, o mais inclusivo e democrático, é o Domingo no TCA. Por R\$1,00, uma formação de plateia diversificada tem acesso a um enorme número de programas que mostram a diversidade da cultura da Bahia. Quero saudar essa iniciativa.

Enfim, o teatro não é só feito de seus projetos, de seus corpos estáveis. Quero saudar as 220 pessoas que, para além desse concreto, da madeira, do vidro, do metal, dos corpos estáveis, da Orquestra, do NEOJIBA, do Balé, dos projetos, estão atrás dessas cortinas, fazendo a gente brilhar. São pessoas que estão no centro técnico do TCA, tão brilhantemente coordenado por Lorena Peixoto e seus aderecistas, figurinistas, maquiadores; as pessoas que estão na segurança, na copa; os contrarregistas.... Enfim, a Assembleia Legislativa da Bahia vem aqui homenagear todas essas pessoas.

Quero ressaltar que, nos 50 anos do TCA, temos um funcionário que tem 47 anos. Trata-se do Sr. Adilson Sariga, para quem eu peço uma salva de palmas (Palmas), representando todo esse contingente que brilha anonimamente e que faz do TCA um espaço tão carinhoso para todos nós baianos, da minha idade pelo menos, 55

anos. Tenho 35 anos de convivência, Fernanda sabe disso, aqui dentro do TCA e na Concha Acústica. Por isso que é um momento de emoção para mim. É difícil porque, sem talento, subir no palco e ficar falando daqui é um momento inusitado.

Mas é um momento de celebração, para escrevermos o nome na história e também dizermos o que será o novo TCA. Acho que isso é importante. O TCA tem uma história de glória, de grandes espetáculos, é um patrimônio histórico e cultural, já foi palco para as mais diversas linguagens artísticas, uniu o erudito ao popular, teve e tem pessoas que suam aqui diuturnamente, com poucos recursos, com pouco orçamento, para fazer esse teatro pujante que ele é.

E não podíamos deixar de falar de orçamento. Não vamos falar muito porque não vamos entediá-los com o discurso político, mas é importante colocarmos isso. Sei que depois vamos ter um grande espetáculo moderno do Balé do TCA, do coreógrafo e ex-rapper sul-coreano Jae Duk Kim. Vamos assisti-lo e todos nós vamos apreciar e gostar muito.

Mas é importante dizermos, secretário Jorge Portugal, que toda a classe artística e pessoas que defendem a cultura precisam defender também o aumento do seu orçamento; porque não podemos deixar o teatro viver de trabalho, suor e lágrimas, e a classe artística viver de não acesso às políticas públicas. Progredimos, mas temos que ter um horizonte, que é 1,5% de investimentos do Estado na cultura. (Palmas)

E quanto a isso, pode contar comigo, secretário. Tenho certeza que Zezéu Ribeiro, ex-deputado federal, autor da PEC 150, que tramitava no Congresso e que exige isso...

Tenho certeza que o governador Rui Costa, com o projeto do novo TCA, escreve, sim, seu nome na história desse teatro ao fazer essa requalificação da Concha, da Sala do Coro, mas escreverá ainda mais.

Se nesse momento de crise em que vivemos ele priorizar a cultura, não só ampliando o orçamento para o máximo possível, que é o 1,5% que desejamos, como também descontingenciando a cultura...

As políticas culturais, sabemos que precisam ser democratizadas e interiorizadas cada vez mais porque cultura forma cidadãos. A cultura é o nosso patrimônio imaterial, forma a nossa identidade. É a cultura que combate diversos preconceitos, como o machismo, racismo, homofobia. A cultura combate as desigualdades. Um povo sem cultura é um povo sem voz. A cultura é libertária. O teatro brasileiro – não só esse teatro, mas o Teatro Oficina, o Teatro Ruth Escobar, o Teatro Vila Velha – sempre esteve ao lado das grandes lutas democráticas do nosso povo.

Portanto estar aqui hoje, neste 24 de maio, dia em que vivemos momentos tensos, e estar no teatro brasileiro, que sempre defendeu a democracia, não deve ser por acaso. Acho que todos nós queremos que o Brasil saia desta crise política pelo voto. Queremos que o Brasil, que está estarecido com os recentes episódios de corrupção ativa e passiva, estarecido com a falta de representatividade política, possa

celebrar sempre o teatro, a cultura e a democracia, tendo como norte que precisamos mudar isto que está aí.

É pela política que vamos mudar os momentos temerários. É com o povo que vamos mudar. É com a unificação do pensamento que, só com a PEC das Diretas Já, que tramita naquela Casa, nós poderemos devolver o voto ao povo.

Desejo vida longa ao TCA, parabênizo pelos seus 50 anos, e aqui continuaremos na luta, na resistência.

Viva a cultura da Bahia! Viva o TCA! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. Mestre de Cerimônias (Dody Só):- Parabéns, deputada.

Convido o deputado Zé Neto para fazer uso da palavra.

O Sr. ZÉ NETO:- Serei bem rápido, porque é protocolar. (Risos)

Quero saudar a Mesa em nome da deputada Dra. Fabíola e do nosso presidente. Sintam-se todos cumprimentados. Meu querido secretário Gramacho, nossa diretora.

Sou do interior, de Feira, e me lembro de algumas histórias que Fabíola começou falando. Cheguei a Salvador em 1984. Aqui tinha o show Grandes Encontros, e foi a primeira vez que entrei no teatro. Eu fazia Física, depois Faculdade de Direito. Eu me lembro que chegamos aqui no teatro com Boca de Lobo, que era o coral da Universidade Federal da Bahia. Eu fazia Música, como matéria eletiva, arranhava no violão. Conheci a Orquestra Sinfônica, conheci o Balé. O primeiro show no qual estive aqui foi o de Cazuza e o primeiro show em que fui na Concha foi o de Beto Guedes.

Não tem como alguém de 53 anos ter vivido na Bahia, ter andado em Salvador e não saber o que significa este teatro para todos nós. Encerrando já a minha fala, me lembro muito especialmente do movimento estudantil, em que eu fazia parte de um grupo chamado Luz, e eu tive a incumbência de elaborar o documento que iria fazer com que tivéssemos uma disputa para o DCE, o documento do Movimento Luz na Universidade Federal.

Lembro-me que a primeira propaganda que fizemos foi na Concha, no show de Beto Guedes. Distribuímos aquele documento que dizia: “Somos luz. Vemos por todos os cantos e flancos que traduzem uma insatisfação presente. Somos poesia enfurecida que busca abordar o novo tempo. Não encaramos vultos, não aceitamos chavões caducos e queremos mudança!”

É incrível, porque isso foi em 1984, e, depois de tanto tempo, estamos aqui no nosso teatro, que na época tinha 17 anos, hoje já é um cinquentão, vendo o quanto nós andamos e o quanto, hoje, precisamos deste espaço para que daqui nós... Quando vocês gritaram “fora, Temer”, quando gritaram “diretas já”, eu lembrei exatamente daquele período, e me veio uma emoção. Este foi um espaço de reconstrução da cultura, da nossa identidade.

Eu não posso deixar de parabenizar Rui Costa. O nosso governador olhou para este teatro, tem olhado com muito carinho. Não se preocupem, com relação à cultura

nós temos buscado resolver as coisas, às vezes não tem grana, e fazemos como fizemos, aqui, com a Osba, chegamos a um consenso e vamos caminhar com dificuldade, mas vamos caminhar conversando e buscando o caminho.

Eu tenho muito orgulho de fazer parte do governo Rui Costa, de ser Líder do seu governo. Tenho muito orgulho de estar aqui neste momento. Deputada Fabíola, parabéns por esta sacada! Desejo que este teatro continue alimentando as nossas almas, a nossa poesia, a nossa arte, a nossa resistência e o nosso amor pela democracia. Fora!

(A plateia grita: Fora, Temer!)

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. Mestre de Cerimônias (Dody Só):- Convido o presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, deputado Angelo Coronel, e a deputada Dra. Fabíola Mansur, proponente da sessão, para fazer a entrega da placa em homenagem aos 50 anos do TCA à diretora-geral da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Sr^a Fernanda Tourinho, e ao diretor do Teatro Castro Alves, Sr. Moacyr Gramacho.

(Entrega da placa em homenagem aos 50 anos do TCA.) (Palmas)

O Sr. Mestre de Cerimônias (Dody Só):- Dando prosseguimento, convidamos o diretor do Teatro Castro Alves, Moacyr Gramacho, para fazer uso da palavra. (Palmas)

O Sr. MOACYR GRAMACHO:- Boa noite. Frente às palavras do deputado Zé Neto e da deputada Fabíola Mansur, eu não tenho muito o que acrescentar, a não ser registrar a honra de estar aqui neste momento.

Quero saudar a Mesa, o Sr. Secretário Jorge Portugal; o nosso Exm^o Governador Rui Costa, que, realmente, tem olhado com um carinho muito grande para este equipamento; e o presidente Angelo Coronel.

Queria dizer que, durante esses 10 anos que coube à minha vida e às vidas da minha equipe participarmos desta grande aventura que é, para mim, acima de tudo, alinhar e tentar implantar aqui um complexo cultural dentro de um projeto de política pública, eu tenho tido uma gratificação muito grande.

Queria só chamar a atenção para o que é esse projeto. Eu acredito muito em conceitos, não é? O que foi feito aqui, durante esses anos, nasce da ideia, primeiro, de que um equipamento como este tem características muito especiais. Não só pela sua grandiosidade, que contempla três palcos: a Sala Principal, a Sala do Coro e a Concha Acústica. Em um dia de pico, nós temos aqui até 10 mil pessoas. Pela sua localização, este equipamento, que num dia de pico contempla 10 mil pessoas, está localizado no coração de uma cidade como a cidade de Salvador, no seu Centro Histórico. E mais ainda, desenhado com uma arquitetura que é tombada nacionalmente como patrimônio da arquitetura moderna brasileira. Então são características ímpares dentro de um equipamento que é vivo.

Tem um dado, gente, que, para mim, sempre é muito importante, e foi a partir dele que começamos a pensar a ideia de potencializar este equipamento, que é o seguinte: independentemente do que acontece enquanto palco, por aqui passam, diariamente, mil pessoas. São funcionários da Orquestra Sinfônica da Bahia; são funcionários do Balé do Teatro Castro Alves; artistas; transeuntes que passam de um lado para o outro, só isso justifica pensar o equipamento como complexo cultural.

E se me perguntam qual é a essência disso tudo, por que aqui tem essa vida pujante, eu conto uma história. Um dia, em uma das sessões maravilhosas do programa Domingo é um real, tinha uma senhora sentada naquela cadeira ali, na fila A, a primeira poltrona. Era um show de música, e aí uma das nossas colaboradoras, preocupada porque ali não é um lugar de boa visibilidade – a melhor visibilidade é do meio para lá, principalmente para música –, chegou para essa senhora e disse assim: “Minha senhora, é melhor a senhora subir porque daí a senhora não vai ver o show direito.” Ela disse o seguinte: “Minha filha, eu não vim aqui para ver o show, não. Eu vim ver essa cortina vermelha abrir e fechar, porque eu nunca vi.” (Palmas)

Então é isso, gente, essa energia que une palco e plateia. Quem vê a cortina e quem faz ela funcionar é a grande característica deste equipamento.

Então, boa noite, é uma honra muito grande estar aqui.

Obrigado.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. Mestre de Cerimônias (Dody Só):- Obrigado, Moacyr Gramacho. Neste momento, ouviremos a diretora da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Fernanda Tourinho.

A Sr^a FERNANDA TOURINHO:- Boa noite a todos. Eu me dirijo respeitosamente a essa Mesa; ao presidente da ALBA, deputado Coronel; à minha querida amiga Fabíola Mansur, minha deputada; ao nosso Líder da Bancada, José Neto; ao secretário de cultura, Jorge Portugal; ao meu companheiro de trabalho, o diretor Moacyr Gramacho; e a todos os senhores também. Acho que Fabíola derrubou os nossos discursos, e, para alegria de todos, todos faremos aqui apenas um breve comentário.

Eu gostaria de, dentro do que pensei para falar, dizer, primeiramente, que a Assembleia Legislativa da Bahia, no meu entender – estou hoje na sexta sessão em homenagem a artistas ou a entidades culturais –, ela demonstra um reconhecimento muito grande pela arte, pela cultura da Bahia. Acho isso um indicador excelente para todos nós que trabalhamos com as políticas públicas.

É muito importante para nós estarmos contando com a sensibilidade e a compreensão da nossa Assembleia Legislativa para as questões da cultura em nosso Estado. Temos um Estado gigante: 417 municípios, 27 territórios de identidade. Identidade essa que, embora sirva geograficamente para estudarmos o Estado, é principalmente identidade cultural. Somos 27 territórios que se dividem, municípios

que se agregam por identidade cultural, e que diversidade! Porque cada um desses 27 territórios traz, vivo e querendo viver, a sua identidade cultural.

Então, já foi dito aqui, a cultura e a arte são a expressão maior da humanidade. É como nos expressamos, como trazemos de dentro para fora as nossas angústias, os nossos sonhos, a nossa maneira de ver o mundo. E é isso o que nos move, que nos dá sentido, mais do que qualquer outra coisa, todo resto é uma sobrevivência física. A arte e a cultura são a sobrevivência da nossa alma.

Então eu também fico muito emocionada de estar aqui neste lugar. Eu que, ao terminar o meu curso na escola formal, ao lado de Fabíola – por isso, ela fala que é de tantas... passamos momentos muito importantes de formação pessoal juntas –, fui estudar psicologia e, lá, fui arrebatada para um emprego aqui neste Teatro Castro Alves. Corria o ano de 1987. Logo depois, eu começava a ser produtora do Balé do TCA e fui durante 10 anos produtora do BTCA, com muito orgulho. Fiz aqui grandes amizades. Aqui foi o início do meu contato e do meu mergulho na arte e na cultura. Voltar aqui, daquele tempo lá de trás, e estar neste lugar, é muito honroso para mim, principalmente na companhia de Fabíola. Vínhamos juntas enquanto público.

É importante falar que a Fundação Cultural do Estado da Bahia tem como missão o fomento, a criação, o incremento da cadeia produtiva das artes em todo o Estado. E o Complexo Teatro Castro Alves é o vértice dessa cadeia produtiva. Então, para a Funceb, é muito importante que este espaço tenha a qualidade e a excelência que tem, porque ele baseia a trajetória que os artistas e os grupos culturais almejam para suas vidas, para seus trabalhos, para que possam fazer parte de um mercado tão pujante quanto o que vemos aqui. É claro que, para chegar neste palco, o artista precisa ter passado por uma longa caminhada e, normalmente, uma caminhada árdua, difícil, trabalhando a empatia com o público, até que possa chegar a esse momento.

Então, ao ser inaugurado em 1967, o Teatro Castro Alves era uma fundação: Fundação Teatro Castro Alves, ligada ao governo do Estado. Com a criação da Fundação Cultural do Estado da Bahia, a Fundação Teatro Castro Alves deixou de existir, e o Teatro Castro Alves passou a ser uma unidade administrativa da Funceb.

Contamos, inclusive, com a Assembleia Legislativa e com a sensibilidade da Secretaria da Cultura e do governo do Estado para que a gente pense nesse complexo dentro dessa missão muito grande da Funceb em relação às políticas culturais em todo o Estado.

Agradeço imensamente à deputada Fabíola, que não está conosco apenas hoje. Está conosco desde que começou o seu mandato, com telefonemas, com visitas, com presença, querendo entender, querendo saber, tentando nos ajudar na luta, como ela mesmo disse, por um percentual maior dentro do orçamento da Cultura. Isso é importantíssimo. Sei que ela não está sozinha, outros deputados estão muito próximos a nós, como é o caso do deputado Zé Neto, do deputado Rosemberg, do deputado Marcelino Galo, para lembrar aqueles com quem eu já estive e que eu sei da preocupação com a nossa trajetória, principalmente num momento tão difícil.

Durante a publicização da Osba, Fabíola esteve presente também nos ajudando a pensar. Recentemente, ela colocou uma emenda para requalificação da Escola de

Dança da Funceb. E tudo isso, Fabíola, deixa-nos, realmente, muito mais próximos, porque nos sentimos interligados não só ao Governo do Estado como, também, aos nossos representantes eleitos para tal.

Gostaria, também, de render, aqui, as minhas homenagens, peço licença a Rose Lima (palmas), essa diretora artística que vem junto com Moacyr e toda a equipe do Teatro Castro Alves.

Quero render uma homenagem aos funcionários da Funceb, que, administrativamente, apoiam Moacyr, a Rose e à equipe do teatro (palmas) em nossa tarefa diária e árdua; a Antrifo Sanches; a Carlos Prazeres; aos nossos corpos estáveis.

Vida longa ao Complexo Teatro Castro Alves.

Por um Brasil melhor, por um Brasil igual, diretas já mesmo! (Palmas)

Boa noite.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. Mestre de Cerimônias (Dody Só):- Agradecemos a Fernanda Tourinho.

Neste momento, ouviremos o secretário de cultura, Jorge Portugal, que neste ato representa o governador do Estado da Bahia, Rui Costa. (Palmas)

O Sr. JORGE PORTUGAL:- Boa noite.

Eu gostaria de saudar a Mesa: Zé Neto, Líder da Maioria; Fernanda Tourinho, minha querida presidente da Fundação Cultural; Moacyr Gramacho, heroico diretor do Teatro Castro Alves; Rose Lima, também, que é uma espécie de alma inseparável de Moacyr; quero saudar o presidente da Assembleia, que aqui está, Angelo Coronel; e, por fim, a proponente desta sessão, Fabíola Mansur.

Quando me disseram que eu teria que falar hoje algumas palavras, eu fiquei absolutamente aflito porque é tanta coisa, é um oceano de coisas e de informações. Primeiro, se eu tivesse que falar um pouco sobre a história do TCA para a cultura da Bahia, para a economia da cultura da Bahia, já seria 1 hora e meia. Se eu tivesse de falar da minha história com o Teatro Castro Alves, seria mais 1 hora e meia. Então eu precisaria, pelo menos, de 3 horas para que a gente conversasse sobre o Castro Alves apenas em dois aspectos.

Temos um Brasil aí fora que está esperando por todos nós; temos a apresentação da nossa Orquestra Sinfônica, do nosso Balé e, sem dúvida alguma, o Teatro é o local da música, da dança, da arte e não exatamente o local do discurso, mas temos que falar, sem dúvida.

Fabíola, você ter proposto esta sessão aqui, no Teatro Castro Alves, reveste-se de um simbolismo muito grande. É como se você – e é, na verdade – estivesse representando o povo da Bahia e o trouxesse para que ele pudesse, aqui, de presença, fazer sua reverência (palmas) à nossa maior casa de cultura e arte.

Não vou mais contar a história que eu poderia contar.

Um dia um poeta parnasiano, ou neoparnasiano, disse que o Teatro Castro Alves era uma pérola engastada no coração do Campo Grande, mas ele é muito arrojado, muito vanguarda, é muito moderno, essa pirâmide invertida, para ser apenas uma pérola. Pérola engastada é coisa do século XIX.

Mas foram enormes emoções vividas aqui. Como você bem disse, com 14 anos eu vim, pelos braços de Sr. Zezinho Veloso e Mabel Veloso, assistir ao show de Caetano e Chico neste palco. Quando Caetano cantou pela primeira vez “você não entende nada do que eu digo” e Chico Buarque, num apelo à participação popular, gritou alto e em bom som que “o Teatro Castro Alves é do povo”, foi um senhor desabamento.

Hoje eu gostaria de dizer para vocês que não apenas Brasília, mas todo o Brasil é do povo, e a gente tem que sair daqui (palmas) com esse pensamento firme de tomar à mão, de uma maneira definitiva, as rédeas do nosso País, da política deste país.

Como secretário de cultura, parece-me que as coisas chegam mais ou menos arredondadas para que eu possa cortar determinadas fitas, e vejam que sou a sequência de três secretários maravilhosos: Márcio Meirelles, Albino Rubim e, agora, Jorge. Eu cortei a fita da Concha Acústica e fiz questão de que eles estivessem ali, porque eu não me sinto autorizado a cortar fita nenhuma sem eles dois.

Mas quero adiantar para vocês que vem aí a segunda etapa com a inauguração da Sala do Coro, e ela está linda, gente, ela está belíssima. Eu vi ontem o projeto e coloquei a mão na cabeça, vocês vão ter uma Sala do Coro como em nenhum outro lugar.

Mas já estou também conversando com o meu querido Manoel Vitório para que possamos ter de volta um dos eventos mais queridos, mais aplaudidos desta Casa, que é o Sua nota é um show. (Palmas)

Creio que, juntando Sua nota é um show e o Domingo no TCA, e essa explosão de inclusão popular, nós estamos, sim, fazendo com que pessoas que nunca vieram ao Teatro possam olhar para ele com essa respiração ofegante e possa aplaudir, como aquela senhora, o abrir e fechar das cortinas. Que coisa bela, hein Moacyr, que coisa muito bela!

Mas, gente, sendo fiel àquilo que eu prometi, a única coisa que eu posso dizer a esta Casa, que me deu, sempre, uma pletora de emoções, é: “Teatro Castro Alves, muito obrigado pela sua participação na vida da Bahia, na nossa vida e na minha vida em particular. É muito bom estar aqui, hoje, representando o nosso queridíssimo governador Rui Costa e sendo o seu Teatro Castro Alves, o seu secretário de cultura.

Muito obrigado.

E para que a gente não esqueça: - Diretas já e fora, Temer!!

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. Mestre de Cerimônia (Dody Só):- Convidamos para se pronunciar o presidente da Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA), o deputado Angelo Coronel, seu presidente.

(Palmas).

O Sr. ANGELO CORONEL:- Boa noite a todos. Eu queria, para também não perder o protocolo e também ser rápido, saudar aqui a nossa deputada Fabíola Mansur, brilhante colega, que teve essa ideia genial de trazer a ALBA para dentro do Teatro Castro Alves. Parabéns a você, Fabíola; Sr. Secretário de Cultura, Jorge Portugal, representando o governador Rui Costa; Sr. Líder do Bloco da Maioria, deputado Zé Neto, grande Líder do Governo que, realmente, tem feito um trabalho brilhante, combatendo e debatendo os projetos que chegam naquela Casa; Sr. Diretor do Teatro Castro Alves, Moacyr Gramacho; Sr^a Diretora da Fundação Cultural, Fernanda Tourinho; Sr^a Deputada Maria del Carmen, que acaba de chegar; representante do Ministério Público, Dr. Geder Rocha Gomes, procurador de justiça; secretária do trabalho, emprego e renda, Olívia Santana; secretária da promoção e igualdade racial, Fábila Reis; secretário da tecnologia da informação, Vivaldo Mendonça; coronel Lanzillotti, representante do comandante-geral, Anselmo Brandão; a figura histórica e cultural da Bahia, Vovô do Ilê, aqui presente; Adil Duarte, subsecretário da saúde, representando o secretário Fábio Vilas-Boas; coronel Nunes Filho, comandante da Capital Regional Metropolitana do Bombeiro Militar; saudar todos os senhores e senhoras porque vocês, aqui na minha frente, são mais importantes do que estar aqui sentado, porque, se não fossem vocês aqui, com certeza não teríamos inspiração para falar.

Dizer que eu me sinto honrado em estar aqui, hoje, como presidente da Assembleia da Bahia, uma Assembleia que vive momentos diferentes, quando, com a nossa Mesa Diretora, estamos levando a Assembleia para o seio da sociedade baiana.

Recentemente criamos o Grupo Assembleia de Carinho, com o qual levamos a Assembleia a trabalhar na parte social. Firmamos convênio com o Hospital Aristides Maltez, que é uma referência na cura do câncer na Bahia. Fizemos convênio com o Grupo de Apoio à Criança com Câncer, que também é referência na Bahia. Na próxima semana, firmaremos convênio com a associação AMA, que cuida dos autistas da Bahia, 206 jovens autistas que precisam também do apoio do poder constituído.

Então fico feliz que a Assembleia hoje... ela se humanizou, ela se oxigenou, tanto na área social... e agora entrando, também, no seio da música e da cultura. Este é o novo tempo e as novas atitudes que a Mesa Diretora, a qual, hoje, eu dirijo, está tomando pela Bahia. Nada de ficar ali só para debater projetos, aprovar leis. Precisamos fazer com que a Assembleia fale e ouça as vozes das ruas. E, hoje, o nosso papel é levar a Assembleia para o povo, para que o povo conheça o real papel de um parlamento.

O primeiro parlamento do Brasil nasceu na Bahia, e precisamos fazer com que o deputado possa chegar às ruas e ser aplaudido, ser reverenciado. E não como

acontece, hoje, na política brasileira, em que sair com um broche de deputado é motivo de vaia.

Eu quero resgatar o nome da política da Bahia, e nada como a cultura, como a arte e, aqui, hoje, esse Teatro Castro Alves representando isso.

Viva ao TCA, viva à Bahia, viva à cultura e viva à arte!

Muito obrigado e boa noite. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. Mestre de Cerimônias (Dody Só):- Daqui a pouco, vamos ter a apresentação do Balé do Teatro Castro Alves, com o espetáculo LUB DUB.

Neste momento, quando já estamos caminhando para o encerramento, ouviremos o Hino da Bahia, executado pela Osba (Orquestra Sinfônica da Bahia) e NEOJIBA (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia), sob a regência do maestro Eduardo Torres.

(Execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Neste momento, formalmente declaro encerrada a presente sessão. Iremos fazer a transição do palco para a apresentação do Balé. (Palmas)

Boa noite.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.